



# Representação e inconsciente

*Roaldo Naumann Machado\*, Porto Alegre*

*O presente trabalho tem por objetivo o estudo da representação e sua função na estruturação do inconsciente. Para tanto, o autor trabalha com os conceitos de representação-corpo, representação-coisa e representação-palavra procurando estabelecer aproximações quanto às suas formações e enlaces. Baseado principalmente na obra de Freud, refere-se também a outros autores como David Maldavsky e Piera Castoriades-Aulagnier.*



---

\* Membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





*“Entretanto, hoje ainda se olha a psicanálise como algo suspeito e místico, e seu inconsciente é, entre o céu e a terra, uma daquelas coisas que a sabedoria acadêmica nem se atreve a sonhar”.*

Freud, 1941a, p.170

*“Viver é experimentar de uma forma continua o que se origina de uma situação de encontro”.*

Castoriades-Aulagnier, 1975, p.30

### **À guisa de introdução: uma definição**

O nosso tema proposto versa sobre a representação. Embora possamos coletar várias definições sobre o termo, é importante que se possa razoavelmente definir o que entendemos por representação. O novo dicionário Aurélio, nos aspectos que dizem respeito ao nosso assunto, fala de *“coisa que se representa, reprodução do que se pensa, conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento”*. Já Ferrater Mora, sintetizado por D. Maldavsky (1977, p.27), sistematiza o conceito da seguinte forma: *“1) representação como equivalente à percepção, isto é, como apreensão de um objeto presente no campo perceptual; 2) representação como reprodução consciente de percepções passadas, isto é, como lembranças; 3) representação como antecipação de eventos futuros a partir da combinação de percepções prévias, isto é, representação como imaginação, 4) representação como composição na consciência de percepções não atuais, isto é, como imaginação ou inclusive alucinação”*. Enfatiza também Maldavsky a diferença e o caminho circular, isto é, dialético, entre a representação e a apresentação: assim a representação surge a partir da percepção e pode, como assinala a definição de Ferrater Mora, gerar alucinações, bem como as representações uma vez constituídas em sistemas, como Freud sugere na Carta 52 (1950b), podem organizar os estímulos sensoriais em entidades coerentes e com sentido. Valem neste sentido, conforme também assinala Maldavsky (1977, p.28), as considerações de Lacan (1956-57) apud Maldavsky (1977) privilegiando o sentido etimológico da palavra alemã *Vorstellung*, isto é, uma re-apresentação ou algo que se coloca entre o sujeito que percebe e a coisa do mundo, categorizando o universo sensível. Este último só é apreensível através da representação. Também, neste sentido, cabe lembrar o que entende Castoriades-Aulagnier (1975, p.23) por atividade de representação estabelecendo uma semelhança com os processos orgânicos do metabolismo. O material que se incorpora com o





objetivo de torná-lo homogêneo à estrutura incorporadora é um elemento de informação e, em última instância, não poderá exceder a capacidade estrutural de cada sistema (originário, primário e secundário). Esta é uma “*lei geral*” dos sistemas de registros (p.27).

Tomemos, entretanto, a sugestão esboçada por Freud na Carta 52 de que as representações, uma vez constituídas, são organizadoras das apresentações do universo sensível aproximando o sugerido com os conceitos de instinto (*Instinct*) e de pulsão (*Trieb*). Estes, como refere Maldavsky (1986, p.93-4), são essencialmente abstratos e somente podem ser inferidos por sua eficácia.

Iniciemos com o conceito de instinto e sua significação para a nossa proposição, isto é, para o discernimento dos elementos que constituem a representação. Assim, como afirma D. Maldavsky (1986, p.94-5), os instintos em relação com as pulsões possuem características distintas, embora provenham de uma fonte hereditária comum: “*O primeiro põe em cada indivíduo da espécie um selo igualador; o segundo, em câmbio, implica diferenças; 2) o primeiro gera desenlaces, resulta estruturante, ordenador do psiquismo; o segundo constitui uma exigência de trabalho para o aparelho anímico*”. Seguindo as sugestões de Freud, o autor reporta-se ao Homem dos Lobos (1918, p.108), no qual é sugerida a existência de “*esquemas congênitos que, como categorias filosóficas, ordenariam as impressões vitais. Sustentaria a hipótese que são precipitados da história humana*”. Portanto, para Freud, o instinto constitui o núcleo do inconsciente (1915b, p.191-2, 1918, p.109, 1916, p.338). Assim a eficácia do instinto, como ordenador do sistema representacional, manifesta-se diante de duas vertentes: a pulsional e a sensorial. As fantasias primordiais seriam esquemas formais para as vivências e conteúdos para as pulsões numa interação dialética permanente entre forma e conteúdo (Maldavsky, 1986, p.95). É, também, neste sentido que compreendemos a afirmação de Freud (1941b, p.302): “*A espacialidade é a projeção do caráter extenso do aparelho psíquico. Nenhuma outra derivação é possível. Em lugar das condições ‘a priori’ de Kant, nosso aparelho psíquico...*”. É claro, como já foi assinalado, cada sistema impõe a estrutura relacional que lhe é própria aos elementos que representa, lei segundo a qual funciona a psique (Castorides-Aulagnier, 1975, p.26).

Portanto, pensamos que as representações em geral estariam constituídas por três ângulos de um triângulo. O instinto, tanto do ponto de vista estruturante de uma forma, bem como do aspecto de provedor de conteúdos (fantasias primordiais), constitui o primeiro. O segundo é constituído pela pulsão que busca o objeto, nunca nos esquecendo que tais aspectos obedecem ao princípio da inexcitabilidade dos sistemas não investidos (Freud, 1917a, p.226 e 233, 1920, p.30, 1925a, p.247) que estabelece que um sistema somente se torna operante quando investido de dentro, e, final-





mente, o pólo sensorial constitui o terceiro vértice estruturante da representação. Portanto, do nosso ponto de vista, todas as representações estão constituídas por fragmentos oriundos destes três vértices. Faltando quaisquer destes três aspectos, a representação não se organiza.

Assim, se para Freud (1923a, p.21-2) os processos de pensamento nada mais são que deslocamentos energéticos dentro do aparelho psíquico, o fato de que os mesmos acedam à consciência significa que tal deslocamento se processou através de determinadas representações. Os pensamentos inconscientes (Freud, 1900, 1911a, 1912, 1915b, 1923a) seriam deslocamentos energéticos que atravessariam representações cujo acesso aos sistemas mais suscetíveis de consciência, especialmente o pré-consciente, estaria impedido. Portanto, “*o processo do pensar se constitui desde o representar*” (1911a, p.226).

Resta-nos estabelecer se as sensações oriundas dos afetos se constituem em representações em si ou se são, por simultaneidade, ligadas às demais representações, pois um dos destinos da pulsão é a busca objetal e o outro é a descarga que origina os afetos (1950a, p.357-62). O texto freudiano é ambíguo quanto a este aspecto. Em algumas ocasiões parece nos dizer que apenas adquirem o *status* de representação aquelas provenientes do universo sensível exterior e que os afetos ligam-se a estas últimas das mais variadas formas (Freud, 1923a, p.25). Em outras ocasiões, e isto veremos com maior detalhe quando examinarmos a representação-corpo e a constituição do ego real originário, Freud parece optar pela ascendência dos afetos à categoria de representações. Maldavsky (1977) parece também optar pela primeira hipótese sobre a representação, isto é, de que as mesmas se constituem através do que se capta do universo exterior. No presente texto seguirei as sugestões de Castoriades-Aulagnier (1975, p.29) que assim se expressa: “*Diremos então que o prazer e o desprazer se referem, neste texto, às duas representações do afeto que podem produzir-se no espaço psíquico: o prazer designa o afeto presente em toda ocasião em que a representação dá forma a uma relação de prazer entre os elementos do representado e, por isto mesmo, representa uma relação de prazer entre o representante e o representado; o desprazer designará o estado presente em toda ocasião em que a representação dá forma a uma relação de rechaço entre estes mesmos elementos e, assim, a uma relação equivalente entre o representante e a representação*”. Dentro do proposto não podemos esquecer ainda que Freud (1923a, p.24), criticando a denominação de afetos inconscientes, afirma que os mesmos têm um caminho direto para o consciente diferentemente das demais representações e que, como veremos adiante, estas representações tendem naturalmente a ligar-se às representações oriundas do universo exterior. O fato de que também os afetos sofram transformações com fins





de desfiguração do verdadeiro sentido inconsciente nos atesta sobre a jurisdição que o sistema pré-consciente, como veremos, exerce sobre o inconsciente através do fenômeno da repressão (1900, p.177).

### Sobre a Carta 52

Nos anos que precederam a publicação da *Interpretação dos Sonhos*, obra que alicerçou a psicanálise como a ciência por excelência do psiquismo humano, Freud escreveu uma série de trabalhos e cartas, alguns só publicados após a sua morte, também chamados de trabalhos pré-psicanalíticos, de extrema importância para a compreensão contemporânea da psicanálise e também dos seus escritos posteriores. Valho-me especialmente de três publicações, *Afasia*, *Carta 52 a Fliess* e o *Projeto de Psicologia*, datados de 1891, 1896 e 1895, respectivamente, para embasar as considerações que aqui faço sobre a representação e o inconsciente.

Na *Carta 52*, Freud (1950b, p.275) esboçou o primeiro esquema de um aparelho psíquico do ponto de vista psicanalítico. Muito preocupado com a formação da memória, seu primeiro esboço, à semelhança do que formula na *Interpretação dos Sonhos* (1900, p.529-40), contém cinco organizações, das quais apenas três são promovidas ao que denominamos de representação: “*Se eu pudera indicar acabadamente os caracteres psicológicos da percepção e das três transcrições, com isso haveria escrito uma nova psicologia*” (1950b, p.275). Examinemos com um pouco mais de atenção a percepção e as três transcrições esboçadas por Freud. Para que possamos acompanhar melhor o raciocínio, reproduzo abaixo o esquema de Freud:

P	Ps	Ic	Prc	Coc
X X	X X	X X	X X	X X
	X X	X	X	X
		X		

Assim, como pertinentemente assinala D. Maldavsky (1977, p.29), a percepção é constituída de neurônios onde a mesma se gera. A esta percepção se acrescenta a consciência, sem que isto signifique a inscrição de um traço mnêmico, embora, sem este requisito, tal traço de memória não se constitua: “*Consciência e memória se excluem entre si*” (Freud, 1950b, p.275). Seria esta uma consciência primária, já que um pouco mais adiante Freud se refere a uma “consciência-pensar” secundária? Independentemente destas considerações, como também assinala Maldavsky (1977), a percepção difere das “*potentes massas em movimento*” constitutivas do mundo em si, poderíamos antecipar e dizer “da coisa em si”, das quais o sistema  $\phi$  (perceptivo),





através das telas de proteção, retira apenas “*quocientes das energias exógenas*” e, devido ao fato de tais telas funcionarem também como filtros, “*somente deixam passar estímulos de certos processos com período definido*”, constitutivos da qualidade sensorial que advirá à consciência através do sistema  $\omega$  (Freud, 1950a, p. 348, 350, 355, 408). Portanto, os três X localizados no esquema freudiano abaixo de P têm determinada posição ao mesmo tempo semelhante e diferente dos demais. A inter-relação desta primeira descarga excitante que se processa em P e sua relação com o sinal de percepção Ps, passando pela consciência e depositando-se como resto mnêmico na memória, aparece perfeitamente descrita no Projeto (1950a, p.408) desta maneira: “*Segundo minhas premissas, uma percepção sempre excita w, ou seja, libera sinais de qualidade. Falando com mais precisão, excita consciência em w (consciência de uma qualidade), e a descarga da excitação w, como qualquer descarga, brindará uma notícia para  $\psi$ , que é justamente o sinal de qualidade*” (sinais de percepção-Ps). Não podemos deixar de lembrar que isto esta perfeitamente de acordo com o postulado muitos anos após (1923a, p.22), quando Freud afirma que “*somente pode tornar-se consciente o que uma vez foi percepção consciente; e, exceto os sentimentos, o que desde dentro quer se tornar consciente terá que tentar transpor-se em percepções exteriores*”.

A primeira transcrição, isto é, aqueles estímulos que são registrados como traços mnêmicos, portanto constitutivos do que chamamos de representação e provedores da memória, são os sinais de percepção Ps completamente insuscetíveis de consciência articulados por simultaneidade. Repare-se que o esquema posiciona dois X na mesma posição que os anteriores e dois X abaixo dos mesmos diferentemente dos posicionados sob a letra P. Aqui divisamos esquematicamente o que Freud sugere como retranscrição: o novo transcrevendo o antigo e este inscrito no novo. Notamos em todas as demais formas esquemáticas a mesma disposição em que o antigo é preservado nos X superiores, enquanto que os inferiores vão sendo dispostos em formas diferentes tornando o conjunto novo. Esta primeira transcrição aproxima-se muito do que também denominamos de representação-corpo, cuja estrutura organizadora é denominada por Freud, como veremos mais adiante, de ego real originário. Poderíamos também estabelecer uma analogia com o que Castoriades-Aulagnier descreve como o originário.

A segunda retranscrição é o inconsciente propriamente dito ou inconsciência (Ps) como denominou Freud na Carta 52. Seus nexos ordenadores são causais, correspondem a conceitos e também inacessíveis à consciência. Este sistema inconsciente, como Freud formulará posteriormente (1900, 1912, 1915b, 1923a), abriga o que se denomina de representação-coisa, objeto também de maior detalhamento posterior. O conceito de um inconsciente dinâmico repousa diretamente sobre estas con-





siderações, assim com o de repressão. Também as disposições dos X mantêm posições semelhantes e não idênticas às anteriores. O pensar, quando acede à consciência, é predominantemente visual, “*de algum modo está mais próximo dos processos inconscientes que o pensar em palavras e, sem dúvida alguma, mais antigo que este último, tanto ontogeneticamente como filogeneticamente*” (Freud, 1923a, p.23). O ego que administra tais representações é essencialmente o que Freud denomina de ego prazer purificado (1915a, p.130). Trata-se do sistema primário regido por uma lógica que, como veremos, se aproxima do descrito como identificação primária em que a parte substitui o todo.

A terceira retranscrição é o pré-consciente (Prc) ligado às representações-palavra correspondente ao que Freud denomina de “eu oficial”. Possui determinada lógica interna que apenas admite outras representações como traduzíveis de acordo com certas regras. Trata-se de uma “consciência-pensar” secundária obtida por um efeito posterior (*Nachträglich*) na ordem do tempo. É a maneira habitual como tomamos consciência de nós mesmos e, segundo Freud, através da reanimação alucinatória das representações-palavra. Também, como nas situações anteriores, seus X superiores são idênticos aos das outras transcrições, mas, no seu conjunto, aparece a diferença. A preocupação de Freud com a representação-palavra, como veremos um pouco mais adiante, remonta ao texto sobre a afasia (1891) e aparece explicitada sob o termo “*associação lingüística*” no Projeto (1950a, p.413). O pensar desta lógica se faz predominantemente através de representações-palavras: “*Por sua mediação, os processos internos de pensamentos são convertidos em percepções. É como se ficasse evidenciada a proposição: ‘todo saber provém da percepção externa’*” (Freud, 1923a, p.25). Cabe também a este sistema o acesso ao controle da consciência e da motricidade, inclusive com as deformações tão características das representações e dos afetos a elas ligados (Freud, 1900, p.163). Estas três formas de representar originam-se, como pondera Castoriades-Aulagnier (1975, p.24), por uma reflexão da atividade sobre si mesma, isto é, atividade que constitui a memória.

Quanto à consciência em si (Coc), Freud apenas nos comunica que seriam também neurônios-percepção e que careceriam de memória. Sabemos de outros escritos de Freud, contemporâneos à Carta 52, que a consciência é tratada como se um sistema fosse ( $\omega$ ) e que, carente em si de memória, teria a função de captar a qualidade do período que se transformaria em consciência (Freud, 1950a, p.354-5, 412; Castoriades-Aulagnier, 1975, p.24). Talvez pudéssemos aprofundar a questão da consciência examinando com cuidado o que Freud postula exatamente sobre o “*investimento-atenção*” (Freud, 1950a, p.408-11). Este investimento propiciaria uma consciência secundária da percepção motivada pelo processo do pensar “*justificado biologicamente*”. Observemos, entretanto, que Freud formula a hipótese de que, para





que o investimento-atenção se desloque sobre a percepção, o sistema  $\psi$ , através de  $w$ , deverá receber sinais de qualidade. Durante a vigília tais sinais são permanentes, alguns despertando atenção e outros não. Aos primeiros caberia uma consciência secundária e nos perguntamos se aos segundos não caberia uma consciência primária, uma percepção forcluída como propõe Castoriades-Aulagnier (1975, p. 31-2), uma consciência da qual não tomamos consciência. Também poderíamos nos perguntar sobre a pertinência de uma consciência própria do originário, primário e secundário. Estas especulações não são mais do que hipóteses e estão sujeitas a revisões. De qualquer maneira, este sistema ou órgão de consciência funciona em conexão íntima com o pré-consciente: “*O suceder consciente é para nós um ato psíquico particular, diverso e independente do suceder posto ou suceder representado e a consciência nos parece um órgão sensorial que percebe um conteúdo dado em outra parte*” (Freud 1900, p.162-3), após e no momento de ser representado.

Este ordenamento lógico das retranscrições obedece ao que Freud, como vimos no segmento anterior, propôs como atividade ordenadora do instinto (Machado, 2001). Sabemos que estas retranscrições, como coloca Castoriades-Aulagnier (1975, p.27), embora ordenadas em lógicas temporais diversas dentro do psiquismo, coexistem nas formas do originário, primário e secundário e que qualquer vivência é operada pelos três sistemas de uma forma simultânea (1975, p.18, 24-5): “*Semelhante conservação de todos os estádios anteriores junto à forma última só é possível no anímico e não estamos em condições de obter uma imagem intuível deste fato*” (Freud, 1930, p.72).

## A representação-corpo e o ego real originário

Em 1923 (a, p.27) Freud postulou que a forma pela qual tomamos notícia do nosso corpo é através da dor. Se percorrermos com um pouco de atenção obras tão iniciais como a Interpretação dos Sonhos, veremos que em inúmeras ocasiões Freud refere que nossos sonhos são formados também por estímulos oriundos do nosso soma (1900, p.233). Este adquire, portanto, a condição de representabilidade através dos sonhos. Neste sentido Freud, citando Strümpell, assim escreve: “*A alma alcança no dormir uma consciência muito mais profunda e vasta de sua corporeidade do que na vigília, e se vê precisada de receber e deixar que operem nela certas impressões de estímulos provenientes de partes e alterações de seu corpo dos quais nada sabia em vigília*” (1900, p.31). Freud também está de acordo com o filósofo Schopenhauer que postula que não só os estímulos advindos do mundo exterior, também os oriundos do soma ficam sujeitos a uma figurabilidade imposta por determinadas tendên-





cias de formatação(1900, p.61-2). Torna-se necessário, entretanto, acrescentar que a dor poderá ser constituinte ou desconstituinte das representações primitivas do corpo. É possível que o que a torna constituinte é o fato de que a mesma possa, assim como a angústia, ultrapassar a condição de traumática para constituir-se como sinal de defesa. Em outros trabalhos (Machado, 1994, 2003) foi chamada a atenção para o papel estruturante ou desestruturante que desempenha a dor na constituição de tais representações-corpo primitivas, seguindo exatamente a sugestão feita por Freud (1950a, p. 351-2; 1923a, p.27). O momento lógico no qual tais representações adquirem o *status* de uma organização é anterior ao da abertura das zonas erógenas como reais promotoras da ampliação do espaço psíquico (Machado, 1992).

Assim sendo, neste segmento procuraremos aprofundar as considerações de Freud relacionadas sobretudo à Carta 52, principalmente as que dizem respeito à primeira transcrição por simultaneidade. Cremos que, talvez, a forma mais acabada de expressão de tais transcrições corresponda a este momento lógico denominado de ego real originário (Freud, 1915a, p.130) em que representante e representado, isto é, a representação que abriga estes dois aspectos, no dizer de Piera Castoriades-Aulagnier, se confundem.

Quais os sistemas de representações que irão constituir esta estrutura primitiva denominada por Freud de ego real originário? Correspondem tais considerações ao que também denominamos genericamente de representações-corpo? D. Maldavsky (1980, p.27) assim define esta organização representacional primitiva: “1) o arco reflexo; 2) preferência pelo mecanismo de fuga como forma de eliminar o estímulo; 3) enlace entre si destas sensações endógenas de tensão e alívio, de desprazer e prazer, correspondendo a diferentes órgãos em homeostase somática e investidos libidinosamente. Este último momento constitui a primeira estrutura, o ego real originário”. Certamente, se nos detivermos com um pouco mais de atenção no sugerido, nos damos conta que se tratam de transformações e apreensões representacionais sucessivas que permanecem, como sugere Freud, profundamente inconscientes.

Assim este sistema representacional tem como tarefa essencial o estabelecimento da diferenciação entre dor e necessidade (Freud, 1926, p.159) e é exatamente através das representações de dor e satisfação que o sistema se organiza, nunca deixando de ressaltar a importância deste “saber prévio que é uma preparação para entender” instintivo (Maldavsky, 1986 p.94; Freud, 1916, p.338). Quais, portanto, os passos pelos quais a organização primitiva “ego real originário” atravessaria para poder se engendrar a si mesma? Encontramos algumas sugestões de Freud no seu Projeto de Psicologia (1950a). Assim, na secção [12], é tratada a questão da vivência de dor. As quantidades hipertróficas de estímulos oriundos do exterior, escreve Freud, provocam a dor. O sistema  $\psi$  (memória) reage a elas da seguinte maneira: “1) um





Roaldo Naumann Machado

*grande acréscimo de nível é sentido como desprazer em  $\omega$  (consciência); 2) ocorre uma inclinação de descarga que pode ser modificada em certas direções; 3) estabelece-se uma facilitação entre esta e uma imagem-recordação do objeto excitante da dor.* Portanto são descritas aqui as etapas sucessivas dos registros de certas tensões internas, portanto afetos que se ligam a outros registros por simultaneidade, como a percepção do objeto excitante da dor. A representação, além do “*saber prévio*”, contém dentro de si o pólo pulsional e o sensorial.

Dado que uma das funções primordiais deste ego real originário, em vias de formação, é exatamente distinguir o dentro e o fora, isto é, a necessidade da dor, pois estas são no início indistinguíveis (Freud, 1915a, p.130, 1926, p.159), o fato de este passo ser consumado com a ajuda da vivência de satisfação, como veremos, estabelece a forma pela qual tomamos notícia do nosso corpo e, portanto, representamo-lo. O primeiro objeto algógeno é, portanto, a necessidade.

Na secção [11] do mesmo Projeto, Freud descreve o que pensa ser a vivência de satisfação. Três passos se fazem também necessários para que esta se constitua e assim o objeto de satisfação imprima seu registro. Além da sensação de descarga duradoura das tensões de necessidade que geram o desprazer, ocorre o investimento de um objeto, exatamente o responsável por tal descarga. Entre este último e o soma estabelece-se uma facilitação constituinte da pulsão. Talvez seja esta umas das primeiras ocasiões nas quais Freud conceituou o que futuramente denominaria de pulsão (*Trieb*), conceito este fundamental para a constituição do que posteriormente denominaria de desejo (1900, p.557-8). A estas considerações acrescenta que a “*dor deixa como seqüelas facilitaões de particularíssima amplitude dentro de  $\psi$ ...da vivência de dor resulta uma repulsão, uma inclinação de desinvestimento da imagem mnêmica hostil... o que constitui a defesa primária ou repressão (Verdrängung)... a emergência de outro objeto no lugar do hostil foi o sinal de que a vivência de dor havia terminado e o sistema  $\psi$ , instruído biologicamente, tenta reproduzir o estado que determinou o fim da dor*” (Freud, 1950a, p.366-7). Do ponto de vista de Castoriades-Aulagnier (1975, p.29), a dualidade pulsional descrita por Freud em 1920 se expressa no paradoxo do desejo: o primeiro objetivo é a reunificação com o objeto de satisfação e o segundo, complementar e sincrético, se expressa pela fórmula “*desejo de não ter que desejar*”, cuja conseqüência será o desaparecimento imediato de todo objeto que possa suscitá-lo, pois toda representação de objeto também é a causa do desprazer do representante. Esta é a repressão originária descrita acima na citação de Freud. A prevalência de tal defesa, isto é, da repulsão, pode gerar uma situação de tal forma radical, que a representação não se constitui e com isto a vida não se torna possível.

Queremos dizer, com o escrito acima, que a constituição da representação do





objeto se faz paralelamente à constituição da representação-corpo, pois, ao mesmo tempo em que a substituição do objeto hostil pelo objeto de satisfação é operada, também ocorre a transformação da dor em necessidade. Assim o terceiro tempo descrito por Maldavsky, no qual órgãos são investidos entre si através de sensações de prazer e desprazer, constituindo o ego real originário, se faz presente e esta organização primitiva não só testemunha a presença das primeiras representações do corpo, como ela própria é este conjunto de tais representações. Veremos, outrossim, que, para a efetiva constituição da representação-coisa, de acordo com Freud, outros passos também se fazem necessários.

Antes de terminarmos este capítulo, seria interessante nos perguntarmos de que maneira poderíamos incluir os conceitos de originário e de pictograma desenvolvidos por Castoriades-Aulagnier (1975) dentro do que denominamos de representações-corpo primitivas. Para esta autora (p.16), tais conceitos implicam na ausência da representação-palavra e a posse exclusiva da “*imagem de coisa corporal*”, verdadeiro “*fundo representativo*” somático das outras produções psíquicas que constituem o primário e o secundário. Este fundo representativo que tem como origem o corpo erógeno é a precondição absolutamente necessária para qualquer atividade que implica no representar.

### **A representação-coisa, o ego prazer purificado e a progressiva ascensão ao ego real definitivo**

Este segmento versará principalmente sobre a constituição da representação da coisa e a inscrição do sujeito, ambos separados dentro do psiquismo. Para tanto é necessário o estudo de três representações, a saber, a representação-movimento, a representação-coisa e a representação-palavra que, juntamente com a representação-corpo, constituem os fundamentos necessários para o estabelecimento do núcleo do sujeito em si e sua representação como separada da representação-coisa. Assim, se nos ativermos com atenção às propostas de Freud, poderemos observar que tais situações lógicas são estabelecidas de forma sincrética e o estudo das mesmas separadamente se dá, principalmente, por razões didáticas, embora se tratem de momentos lógicos diferenciados. A jurisdição da lógica do primário, sistema que privilegia a representação-coisa, pertence ao ego prazer purificado como propõe Freud (1925b, p.254-6, 1930, p.67-9).

Tomemos como ponto de partida para nossa elaboração a colocação de Freud (1915b, p.197): “*O que chamamos de representação-objeto (Objektvorstellung) consciente decompõe-se agora na representação-palavra (Wortvorstellung) e na repre-*





sentação-coisa (*Sachvorstellung*), que consiste, se não no investimento da imagem mnêmica direta da coisa, ao menos de restos mnêmicos mais distanciados derivados dela”. Examinando com cuidado o que Freud conceitua como representação de objeto em 1891 (p.90-1, 1915b, p.207-13), notamos que o que corresponde à representação-objeto é o que é denominado no texto sobre o inconsciente de representação-coisa. Cabe-nos, entretanto, a questão do que realmente significa “*imagem direta da coisa*”. Talvez a notícia mais direta que dela possamos ter corresponda à inscrição denominada, na Carta 52, de traço mnêmico P. Outrossim, como bem assinala Strachey em uma nota ao pé da página (1915b, p.198), Freud equipara a *Sachvorstellung* à *Dingvorstellung* (1900, p.302; 1917b, p.253).

Retornemos, entretanto, ao texto Afasia (1891, p.90-1; 1915b, p.211-12): “*Por sua vez, a representação-objeto é um complexo associativo das mais diversas representações visuais, acústicas, tácteis, cinestésicas e outras. Pela filosofia sabemos que a representação-objeto não contém nada mais do que isto e que a aparência de ser uma coisa (Ding), cujas propriedades nos são transmitidas por nossos sentidos, surge só pelo fato de que, pelo conjunto das impressões sensoriais que recebemos de um objeto do mundo, admitimos a possibilidade de uma série maior de novas impressões dentro da mesma cadeia associativa (J. S. Mill). Assim a representação-objeto se nos apresenta como algo não fechado...*”. A coisa em si somente é percebida por suas representações e, da mesma maneira que Eliade, na sua *História das crenças e das idéias religiosas* (1983, p.23-4), refere que a opacidade dos documentos paleolíticos só encontra sentido se estes últimos se encontrarem inseridos num sistema de significações, também as representações adquirem valor psíquico ou sentido se pertencentes a uma cadeia associativa (Maldavsky, 1977, p.28). Isto é confirmado pelo fato de que as representações-coisa não se apresentem isoladas e sim em complexos associativos. Voltaremos a este assunto posteriormente. Portanto, para Freud, o componente visual está para a representação-coisa da mesma forma que o componente auditivo está para a representação-palavra. Tais componentes detêm em relação aos demais uma função estruturante. A representação-coisa constitui-se numa unidade mínima de sentido (Lieberman, citado por Maldavsky, 1977, p.26). Entretanto devemos lembrar que o que distingue a representação-coisa de Mill da de Freud é o fato de que esta última é uma representação-coisa erógena. Isto está de acordo com o postulado por Castoriades-Aulagnier de que não pode existir qualquer informação sem uma “*informação libidinal*”. A própria configuração de uma representação é um ato de investimento libidinal, pois “*No organismo não ocorre nada de certa importância que não ceda seus componentes à excitação da pulsão sexual*” (Freud, 1905a, p.186; 1924b, p.169). Sem estas condições, a atividade de representar se faria impossível como seria impossível a própria vida (Castoriades-Aulagnier, 1975 p.28).





Entretanto, é necessário que se faça uma abordagem da representação-coisa de outros pontos de vista. Seguirei para tanto as sugestões de D. Maldavsky (1977, p.24-40), que possui uma visão particularizada e penetrante do Projeto freudiano (1950a). As secções especialmente revisadas são as de número [15], [16], [17] e [18] do capítulo 1, bem como o capítulo 3. Aprofundemos, portanto, o estudo das representações-coisa como oriundas principalmente de um conjunto de estímulos provenientes do mundo exterior. Tanto do ponto de vista quantitativo quanto do qualitativo, é indiscutível que, para Freud, apenas cocientes dos estímulos atingem o nosso aparelho psíquico *“posto que, segundo o discernimento da física, o mundo exterior se compõe de potentes massas em movimento... das quais nossos aparelhos nervosos terminais... como diques e telas de proteção, apenas permitem que cocientes das Q exógenas os atravessem”* (Freud, 1950a, p.348-51). No que concerne à qualidade, de acordo com Freud, a grande responsável pelas sensações conscientes, *“Os órgãos dos sentidos não só atuam como telas de Q... sim também como filtros, pois que deixam passar apenas estímulos de certos processos com período definido”* (1950a, p.355). Trata-se, portanto, exatamente do que discutíamos no segmento sobre a Carta 52, quando abordamos as considerações sobre a consciência. Todas estas considerações, e certamente existiriam outras mais que nos tornariam um tanto quanto repetitivos, são aqui trazidas para demonstrar que as representações, no nosso caso, a da coisa, apenas é inscrita após a ultrapassagem dos crivos quantitativos e qualitativos que fazem com que o real não possa ser apreendido como tal.

Dentro do descrito na secção [15], que estabelece os critérios apropriados que distinguem os processos primários dos secundários pelo sólido sinal de qualidade advinda da percepção exterior, estando o desejo suficientemente não investido para que a alucinação não se produza e estabelecendo-se, exatamente por isso, a distinção tão fundamental para a vida entre percepção e alucinação, ou entre processo secundário e primário, examinemos as secções que se seguem no Projeto para compreendermos os passos iniciais da estruturação das representações-coisa, movimento e palavra. Já no início da secção [16], após Freud considerar que a coincidência completa entre o investimento do desejo e o investimento da percepção pouco ou nada traz para o estabelecimento dos juízos, no segundo caso, quando o complexo perceptivo não coincide com o investimento do desejo, as mais profundas considerações para a nossa teoria poderão ser obtidas deste fato. Assim, o investimento de desejo alcança os neurônios a e b; já o complexo perceptivo alcança os neurônios a e c. Estará, então, estabelecida uma semelhança, não uma identidade. A experiência ensina que a ação específica não deverá, desta maneira, ser efetuada. Isto só poderá ocorrer quando a identidade puder ser restabelecida. Para isto é necessário que se estabeleça um gradiente dentro de diversos complexos perceptivos, até que o neurônio c desembo-





que no neurônio b, estabelecendo-se a identidade desejada: “*Como regra geral, se obtém uma imagem-movimento que se interpola entre o neurônio c e o neurônio b, e com a reanimação desta imagem (portanto uma representação-movimento), mediante um movimento efetivamente executado, se estabelece a percepção do neurônio b e, com isto, a identidade buscada*” (p.374). Freud prossegue trazendo o exemplo da criança que busca o peito de frente e o encontra de lado. Através destas representações-movimento estabelecidas dentro de  $\Psi$  e rememoradas pela criança, estabelece-se o movimento da cabeça que busca a identidade propiciando a ação específica. Para a constatação da presença da semelhança e não da identidade, “*A linguagem criará o termo juízo (Urteil), e descobrindo a semelhança que de fato existe entre o núcleo do eu e o ingrediente constante da percepção, por um lado, e os investimentos cambiantes dentro do manto e o ingrediente inconstante da percepção, por outro lado, nomeará a coisa do mundo (Ding) o neurônio a, e o neurônio b, sua atividade ou propriedade, em suma, seu predicado*” (p.373). Portanto, da mesma forma que o eu possui um núcleo irreduzível à coisa em si, o vice-versa é verdadeiro, pois esta última contém um algo também irreduzível ao eu: “*O real-objetivo permanecerá sempre não discernível*” (Freud, 1940, p.198). Esta representação-movimento há pouco descrita é um dos aspectos constituintes fundamentais para o estabelecimento da representação do eu e da coisa (Maldavsky, 1977, p.33), pois sem ela o segmento cambiante, isto é, os predicados permaneceriam estáticos, impossibilitando este eterno movimento de aproximação e diferenciação, introjeção e projeção, situação *sine qua non* para a constituição da representação estabelecida pela contínua oscilação entre libido objetal e narcisística.

É o discernimento e o pensar reprodutor (Freud, 1950a, p.372) que possibilitam a atenção e comparação dos segmentos semelhantes e idênticos da percepção. Freud na secção [17] sobre o recordar e o julgar, teorizando sobre o “*complexo do semelhante*”, estabelece de uma maneira mais profunda seu discernimento entre a coisa do mundo e sua representação. Esta última não se refere às coisas de um modo geral e, sim, a um semelhante humano, portanto, uma representação-coisa erógena (Maldavsky, 1977, p.30). Assim Freud nos propõe que o objeto da percepção é parecido ao sujeito, isto é, “*um semelhante*”. Trata-se do primeiro objeto de satisfação, o primeiro objeto hostil e a única força auxiliar. Deste objeto emanam complexos perceptíveis em parte novos e incomparáveis e outros que podem ser reduzidos a lembranças existentes dentro do sujeito (Freud 1950a, p.414-5). Assim, por exemplo, alguns traços visuais são irreduzíveis. Outros, como, por exemplo, os movimentos de seu corpo, coincidirão com movimentos próprios do sujeito. Freud nos sugere que também as vivências de dor atravessadas pela emissão do grito fazem parte destes segmentos perceptíveis redutíveis às vivências do eu: “*Outras percepções do objeto,*





por exemplo, se grita, despertarão a lembrança do gritar próprio e, com isto, as vivências próprias da dor” (p.377). Portanto, para Freud, “O complexo do semelhante pode ser separado em dois componentes, um dos quais se impõe por ser uma estrutura constante, se mantém reunido como uma coisa do mundo, enquanto que o outro é compreendido por um trabalho mnêmico, isto é, pode ser reconduzido a uma notícia do próprio corpo. Esta decomposição de um complexo perceptivo se chama seu discernimento; ela contém um juízo e encontra seu término quando a meta é alcançada” (p.377). Vemos, portanto, que o discernimento das coisas inanimadas do mundo é necessariamente precedido e compreendido pelo animismo infantil que impõe às mesmas a erogeneidade do corpo (Freud, 1912-13, p.91-4).

Maldavsky (1977, p.31-2) afirma que nos encontramos, portanto, dentro de uma lógica de predicados e que a representação-coisa pode ser compreendida de três pontos de vista: “Trata-se de outro sujeito, isto é, de um semelhante; tem um certo grau de coerência; é irreduzível em seu núcleo ao próprio sujeito, embora, por certos elementos variáveis se assemelhe a este... o outro é irreduzível ao próprio sujeito, embora como sujeito, também é sujeito”. Podemos, portanto, compreender agora de uma forma mais acabada a prevalência organizadora do sentido da visão sobre outras percepções tais como as tácteis, auditivas, olfativas, gustativas, cinestésicas e outras. As representações-movimento e as percepções acústicas emanadas do complexo perceptivo e de dentro do eu, primeiramente como descarga (o grito) e progressivamente adquirindo uma função secundária de extraordinária importância para nós humanos, a função da comunicação (Freud, 1950a, p.362-3, p.414-5), fazem parte deste intrincado desenvolvimento que estabelece esta unidade mínima de sentido, a representação-coisa. Esta última, embora possua seu núcleo irreduzível em relação ao sujeito, possui algo dos investimentos narcisistas deste último. Podemos depreender isto da afirmativa de Freud (1940, p.148): “É difícil enunciar algo sobre o comportamento da libido dentro do id ou do superego. Tudo que sabemos disto se refere ao ego, no qual se armazena toda quantidade inicial de libido. Chamamos narcisismo primário absoluto a este estado. Dura até que o ego comece a investir com libido as representações de objetos, isto é, transformar libido narcisista em libido de objeto”. Assim, as representações-coisa levam na condição de objetos internos um *quantum* de libido narcísica, libido esta que é a base da semelhança e que será reconhecida, mas que também estabelece a diferença. A representação-corpo é o suporte inicial e necessário para a constituição de qualquer representação-coisa: “é uma geografia sexual simbólica”, afirma Freud (1905b, p.88) em relação ao segundo sonho de Dora, e é através desta geografia que o primário se faz evidente. Portanto, como salienta Maldavsky (1977, p. 33), umas das diferenças fundamentais entre os conceitos de representação-coisa de 1891 e 1895, respectivamente da Afasia e do Projeto, está em que,





neste último, tal representação possui o caráter de irredutível ao sujeito, enquanto que no primeiro texto não observamos isto. Uma outra diferença está que, na Afasia, a representação não possui o caráter erógeno que adquire no Projeto e que claramente aparece na citação referida acima sobre o sonho de Dora.

O corpo e suas representações são, portanto, fundamentais para a configuração das respectivas semelhanças e diferenças entre as representações-corpo e as representações-coisa. Poder-se-ia dizer que estas últimas constituem as primeiras e vice-versa: *“No que diz respeito ao juízo, cabe ainda assinalar que seu fundamento é evidentemente a preexistência de experiências corporais, sensações e imagens de movimentos próprios. Se estas últimas faltarem, o setor variável do complexo perceptivo permanecerá incompreendido, isto é, poderá ser reproduzido, porém não proporcionará nenhuma orientação para ulteriores caminhos do pensar”* (1950a, p.378). É nesta inesgotável interação, portanto, entre libido narcisista e libido de objeto que se tecem as infindáveis relações entre as inúmeras representações, e a cadeia de significantes encontra a sua origem. Seria também extremamente importante e interessante teorizarmos sobre os possíveis destinos da irredutibilidade das representações nas situações de duplicação tão afins das identificações primárias narcisistas de patologias psicóticas e narcisistas, porém isto é tarefa para um trabalho posterior.

O sujeito, através da sua representação, estabelece com o outro, isto é, com suas representações, um conjunto de relações vinculares conscientes e inconscientes, denominadas por Freud de lugares psíquicos: *“Na vida anímica do indivíduo, o outro se encontra integrado com total regularidade, como modelo, como objeto, como auxiliar ou como inimigo, e por isto, desde o começo, a psicologia individual é simultaneamente psicologia social...”* (1921, p.67). Assim, como pondera Maldavsky (1977, p. 34-7), as representações se transformam de acordo com seus conteúdos e de acordo com seu lugar posicional. As mais variadas organizações psíquicas trazem combinações destas relações. Uma variação bastante conhecida formulada por Freud (1915a, p. 122-3) diz respeito às posições ativa e passiva do sujeito e do objeto na sua configuração vincular em relação ao par sadomasoquista. Outro aspecto, também descrito por Freud (1905a), é a transformação de determinada representação, quando se estabelece a diferença dos sexos. O que era em parte irredutível entre o sujeito e a representação-coisa torna-se mais irredutível com o estabelecimento da diferença dos sexos. Neste sentido é o que compreende Maldavsky (1977, p. 34-5), quando cita Freud (1921, p. 99-100) referindo-se à transformação representacional devida à mudança posicional sofrida na fase pré-edípica e edípica em relação ao sujeito. Assim, a relação do sujeito com a imagem do outro varia, conforme este último ocupe a posição de modelo, objeto de desejo ou ajudante de acordo com o momento pré-edípico e as





relações pertinentes ao complexo de Édipo positivo ou negativo (Freud, 1921, p.99-100; 1923a, p. 34-5). É neste sentido que também entendemos a ação das profantaisias como parte do instinto (*Instinkt*) na função de organizar a experiência sensorial e vivencial e que, como conteúdos, preenchem e dão significado à pulsão (Maldavsky, 1986, p.95). Podemos, à guisa de exemplo, examinarmos com cuidado, como o faz o próprio autor, a transformação representacional que se processa no interior do psiquismo do melancólico Christoph Haizmann, no que diz respeito à representação do pai na medida em que a repressão vai se desfazendo. Encontramos, portanto, as devidas posições de ajudante, modelo, objeto de desejo e rival, assim como a explicitação, pelo discurso progressivamente delirante do pintor, das fantasias primordiais constituintes do complexo de Édipo, especialmente o negativo, bem como as expressões ternas, eróticas e hostis das moções pulsionais vigentes, todas essas em permanente transformação, provocando com isto uma série especialmente rica de representações condensadas (Freud, 1923b, p. 87-94).

Algumas considerações ainda se fazem necessárias antes de concluirmos este capítulo. Trata-se de resumirmos a maneira pela qual o sistema representacional inconsciente, que tem como unidade a representação-coisa, se organiza a partir das fantasias primordiais. Como já foi esboçado na nossa introdução, as fantasias primordiais são, para Freud, esquemas universais que organizam as representações vivenciais como nódulo do inconsciente. Os complexos em geral, como o de Édipo e de castração, para Freud, são expressão da combinação de inúmeras representações organizadas de acordo com tais esquemas. O referido acima sobre o complexo do semelhante encontra-se assim redimensionado dentro da obra freudiana nos complexos de Édipo e de castração, embora possamos compreender a sua origem pré-edípica. Os critérios de simultaneidade, analogia e causalidade citados na Carta 52 e no capítulo VII da Interpretação dos Sonhos são assim organizadores de tais fantasias universais, bem como, através deles, estas últimas encontram sua operacionalidade. A própria causalidade, constituída a separação entre a representação do sujeito e do outro, expressa esta inter-relação constante entre causa e efeito e é a condição *sine qua non* da possibilidade de configuração do ontogenético através da filogenia. Somente assim as fantasias primordiais de sedução, cena primária, castração e, podemos acrescentar, de retorno ao ventre materno, se constituem como vivências e, depositadas no núcleo do inconsciente, fazem parte do complexo associativo denominado de complexo de Édipo e complexo de castração. Isto também está de acordo com as propostas de Bion sobre a concepção oriunda de uma pré-concepção inata (1963). Também compreendemos com maior abrangência a citação de Mill referida acima, quando expressa que a representação-coisa só pode ser entendida “*pelo conjunto das impressões sensoriais que recebemos de um objeto do mundo, admitindo a possibilidade de uma*





Roaldo Naumann Machado

*série maior de novas impressões dentro da mesma cadeia associativa” (Maldavsky, 1977, p.57). Nunca é demais insistirmos no fato de que as fantasias primordiais encontram no primário sua condição de configuração. Assim, é esta ‘extraterritorialidade’ que, uma vez instituída, é a condição da expressão da fantasia e que implica no reconhecimento de dois espaços psíquicos: o do representante e o do representado (Castoriades-Aulagnier, 1975 p.31), espaço este onde irá operar a cena primária.*

### **A representação-palavra e a emergência do ego real definitivo**

Em 1891(p.90-1) Freud definiu a representação-palavra “*como uma representação complexa, construída a partir de distintas impressões; isto é, correspondente a um intrincado processo de associações no qual intervêm elementos de origem visual, acústica e cinestésica. Certamente a palavra adquire seu significado a partir de seu enlace com a representação-objeto...*”. Esta definição coincide com a descrita acima (1915b, p.197), com a ressalva que Freud se refere à representação-coisa e não à representação-objeto. Acrescente-se a isto que Freud, como refere Maldavsky (1977, p.40; conf. Freud, 1891 p.86-7), postula que a representação-palavra, ao contrário da representação-coisa, é um todo fechado constituído da imagem sonora da palavra, da imagem do movimento articular da palavra falada, da imagem da palavra escrita e da imagem do movimento ao escrevê-la (Freud, 1950a, p.413). O primeiro aspecto acústico é o organizador dos outros e, embora o todo seja fechado, é suscetível de ampliação (1891, p. 90-1): “*A palavra é essencialmente o resto mnêmico da palavra ouvida*” (1923a, p.23) articulada às demais representações, como dissemos, pela reanimação alucinatória dos restos mnêmicos acústicos.

Há uma série de elementos que são importantes para este caráter discreto, distinto de uma palavra que implica na sua condição de essencialmente fechada e exclusiva (Freud, 1950a, p.413), embora suscetível de ampliação. Maldavsky (1977, p.42-3;), baseado em Freud, refere que a experiência formadora da respectiva representação é fundamentalmente passiva, pois a recebemos da cultura, em que o caráter reprodutivo ativo é o subsequente. Vejam-se, por exemplo, as referências de Freud ao aspecto imitativo da experiência humana (1950a, p.379) e à reanimação alucinatória de restos mnêmicos acústicos para a evocação da palavra (Carta 52, 1950b, p.275). Baseado nesta circunstância reprodutora ativa da palavra é que Freud afirma que as palavras são escassas, exclusivas, e que apenas podemos pronunciar uma palavra de cada vez (1891, p.87). Diga-se de passagem, Freud publicou todo um estudo destinado à psicopatologia da vida cotidiana (1901) no qual os capítulos sobre os lapsos da língua, da escrita e da leitura tratam extensivamente do fato de que, em determinadas





circunstâncias, a palavra perde seu caráter de exclusividade e adquire “*antigas liberdades*” que já não mais possui. Assim sendo, o componente motor da palavra tem a incumbência de selar a sua condição discreta (Freud, 1891, p.104). Ora, tal condição discreta é também a condição *sine qua non* de sua lógica pré-consciente, e visualizamos, na reprodução da imagem motora da palavra ouvida, sua condição para que a mesma se constitua em peça essencial da pré-consciência e de que apenas uma de cada vez possa ser pronunciada. Desde muito cedo Freud advogou que o sistema pré-consciente detinha o poder sobre o sistema muscular (1900, 1915b, 1923a); assim sendo é este sistema que reproduz ativamente as impressões cinestésicas (representações-movimento) que constituirão parte da representação-palavra na tentativa de reprodução do modelo cultural que se oferece. No escrito acima sobre o complexo do semelhante (1950a, p.377), no que se refere ao grito, encontramos com dois momentos lógicos sucessivos de grande importância para a formação da representação-palavra. Num primeiro momento há o registro do grito como próprio, grito este devido à alteração interna, isto é, expressão dos afetos, e no segundo, quando se ouve o grito de um semelhante, este pode ser reconduzido às experiências do próprio sentir ativando-se a representação-movimento cinestésica da fala. Está, portanto, inaugurada a linguagem verbal, testemunho do vínculo intersubjetivo: “*Esta via de descarga assume assim a função secundária, importante ao extremo para o entendimento (Verständigung; ou comunicação), e o desamparo inicial do ser humano é a fonte primordial de todos os motivos morais*” (Freud 1950a, p.362-3, p.414-5). Como a reprodução se processa num sentido temporal, estamos diante dos momentos primeiros e fundamentais da constituição do pré-consciente. Para que a representação-palavra atinja a sua constituição mais ou menos definitiva, são necessários mais alguns passos, como a inserção das imagens visuais das letras, obtidas com o soletrar e a imagem da totalidade da palavra. Estas, por sua vez, se associam às imagens cinestésicas e acústicas da palavra, condições estas necessárias para uma leitura com compreensão (Freud, 1891, p.81-90; Maldavsky, 1977, p.43).

Algumas considerações ainda devem ser feitas antes que, seguindo a sugestão de Maldavsky, passemos a considerar o enlace das representações-palavra com as representações-coisa originando as verdadeiras representações-objeto (Freud, 1915b, p.197). A unidade constitutiva do inconsciente propriamente dito é a representação-coisa na qual prevalece a organização visual. Já, no que diz respeito ao pré-consciente, a unidade constitutiva é a representação-palavra na qual prevalece a organização acústica. De acordo com Freud (carta 52, 1950b, p.275), o pré-consciente está constituído não somente de termos lingüísticos, mas “*sim também de um conjunto de regras combinatórias destes termos, tal como destacou Liberman (1974)*” (Maldavsky, 1977, p.46). Tais regras estão intrinsecamente ligadas ao fenômeno da repressão no





qual, por várias razões, o pré-consciente como sistema não acolhe o advindo do inconsciente e, quando o faz, dá origem a inúmeras formações de compromisso das quais citamos algumas como os sintomas, os sonhos, os diversos lapsos, etc. Nestas circunstâncias perde-se o vínculo entre a representação-coisa e representação-palavra que, segundo Freud (1981, p.96), é o mais débil. Voltaremos a examinar daqui a pouco estes vínculos associativos entre representações-coisa e palavra distinguindo a neurose e a esquizofrenia de acordo com Freud.

Outro aspecto que apenas citamos *en passant* é a distinção entre a palavra manuscrita e a palavra impressa. Esta última, de acordo com Freud (1930, p.90), é a “*linguagem do ausente*” e implica num maior distanciamento entre o sujeito e o outro, tornando a irredutibilidade entre ambos muito mais definitiva. As cartas manuscritas, especialmente as de amor, conduzem a uma maior proximidade dos elementos constitutivos do complexo do semelhante. Embora em tais circunstâncias a palavra permaneça enlaçada pelas imagens sonoras, imagens articulares, imagens da escrita e a imagem do movimento ao escrevê-las, isto é, a prevalência de sentidos distais, esforçamo-nos por incluir nas mesmas sentidos proximais como o tato, gosto e olfato, resignados pela lógica do pré-consciente, embora possamos remeter a representação-palavra a eles, como esta última deverá ser remetida à representação-coisa. Uma carta manuscrita é diferente de uma carta datilografada e certamente, nos dias atuais, do correio eletrônico.

Passemos para o exame do enlace das representações-coisa com as representações-palavra que pode ser estudado, como sugere Maldavsky (1977, p.48-55), a partir dos fenômenos patológicos que testemunham sua dissociação. Além dos inúmeros trabalhos sobre as neuroses de transferência, Freud (1914, p.79-82; 1915b, p.193-201) estuda tais situações através da hipocondria e da esquizofrenia. Nestes dois textos Freud nos afirma, a partir do fenômeno da dor corporal, que o investimento excessivo do corpo é o causador de um correspondente desinvestimento dos objetos. Nos estados hipocondríacos, tão comuns nas neuroses narcisistas como a esquizofrenia, a distribuição libidinal segue um destino semelhante. Trata-se da vivência hipocondríaca do *Senatspräsident* Daniel Paul Schreber, que se alterna com o seu estado delirante (Freud, 1911b). Assim “*A hipocondria é para a parafrenia o que, aproximadamente, as outras neuroses atuais são para a histeria e neurose obsessiva*” (1914, p.81). Portanto, do ponto de vista de Freud, nestas situações, ocorre uma estase de libido no corpo e suas representações, da mesma forma que, nas neuroses de transferência, ocorre uma estase de libido no plano das representações-coisa.

No capítulo VII do trabalho sobre o inconsciente (1915b), Freud retorna ao que denomina de processo restitutivo das neuroses narcisistas (1914, p.83). Inicia tecendo considerações sobre o que ocorre com a libido nas esquizofrenias, que, reti-





rada dos objetos, estabelece uma situação equiparável ao narcisismo primitivo carente de objeto. Isto é o responsável pela apatia total na qual desemboca o processo, originando uma repulsa ao mundo exterior e inacessibilidade terapêutica. Acrescenta Freud que, sobretudo nos estádios iniciais da doença, se observa uma série de “alterações da linguagem” (1915b, p.194). Estas seriam responsáveis pelo modo de expressão rebuscada e amaneirada dos pacientes esquizofrênicos: “As frases sofrem uma particular desorganização sintática que as tornam incompreensíveis para nós” (p.194). O conteúdo das mesmas reporta-se principalmente a órgãos ou inervações do corpo. Estamos, portanto, diante da hipocondria, ou melhor, da estase libidinal nas representações-corpo. Como exemplos Freud cita casos do doutor Victor Tausk nos quais o primeiro diz respeito a uma paciente que disse ter seus olhos torcidos, pois se identificou com o amado que era um torcedor de olhos. Esta mesma paciente falseou sua posição postural pela mesma razão, isto é, identificou-se com o amado na sua posição falsa: “O movimento de se colocar de outra maneira, observa Tausk, é uma figuração da mudança de falsear a posição e da ‘identificação com o amado’” (p.195). Prossegue Freud ressaltando que o elemento que prevalece é o da inervação corporal: “Outrossim, uma histérica no primeiro caso teria torcido convulsivamente os olhos e, no segundo, teria executado na realidade uma sacudida no lugar de sentir a sensação do mesmo e, em nenhuma destas situações, teria tido um pensamento consciente sobre isto, nem teria exteriorizado o mesmo com posteridade” (p.195). De acordo com Freud, estas situações testemunham a “linguagem hipocondríaca ou linguagem do órgão”. Ora, as palavras sofrem o mesmo processo de deslocamento e condensação tão característico do processo de figuração onírica. Apresentam a concretude da representação-coisa. Trata-se, no dizer de Castoriades-Aulagnier (1975, p.18), “de um ‘suplemento’ representado pela criação de uma interpretação ‘delirante’ que torna dizíveis” os efeitos da atração que o originário e o primário exercem sobre a atividade do representar.

Cita Freud outro caso (Freud, 1915b, p.196): um paciente de sua observação abandonou todos os interesses na vida por causa da deterioração que sofrera a pele de seu rosto. Ocupava-se de suas espinhas e referia que, após espreme-las, formavam-se profundos orifícios: “joga na sua pele o complexo de castração”. Prossegue Freud dizendo que esta formação substitutiva apresenta muita semelhança com formações substitutivas da histeria, contudo guarda em relação às mesmas algo estranho: “Um buraco diminuto dificilmente será tomado por um histérico como símbolo da vagina, que, em troca, estabelecerá tal relação com todos os objetos possíveis que encerrem um oco” (p.197). Portanto, para Freud, o caráter diminuto e múltiplo dos buracos estabelece para estas formações um caráter estranho: “Nos damos conta de que é o predomínio da referência da palavra sobre a referência da coisa” (p.197). Da mes-





ma maneira descreve outro paciente de Tausk que comunicava sem resistência alguma a razão de sua inibição de calçar as meias: todos os buracos eram para ele um símbolo da abertura vaginal e o pé significava um símbolo do pênis, assim como cobri-lo, o ato onanista: *“O substituto foi prescrito por semelhança da expressão linguística, não pelo parecido da coisa designada. Toda vez que ambas, a palavra e a coisa, não coincidem, a formação substitutiva da esquizofrenia diverge da que se apresenta no caso das neuroses de transferência”* (p.197).

Portanto, para Freud (1915b, p.198), o sistema inconsciente possui os investimentos de coisa dos objetos e o *“sistema pré-consciente nasce quando esta representação-coisa é investida novamente pelo enlace das representações-palavra que lhe corresponde”* (p.198; Freud, 1923a, p.22). Assim, estes novos investimentos possibilitam a organização psíquica superior e o afastamento do processo primário em relação ao secundário. É, contudo, através do processo repressivo que as marcadas diferenças entre as neuroses de transferência e as neuroses narcisistas e psicoses se tornam mais inteligíveis. Freud pergunta-se de imediato se *“o processo que neste caso temos chamado de repressão tem, todavia, algo em comum com as neuroses de transferência”* (p.199). Conclui que, embora o processo de retirada do investimento consciente seja comum para ambas as afecções, *“esta fuga por parte do ego que ocorre nas neuroses narcisistas é muito mais profunda e radical”* (p.200). Prossegue nos dizendo que, na esquizofrenia, a retirada do investimento pulsional se amplia até a representação-coisa e que a representação-palavra superinvestida não é nada mais que *“o primeiro dos intentos de restabelecimento ou cura que tão chamativamente presidem o quadro clínico da esquizofrenia. Estes empenhos pretendem reconquistar o objeto perdido, e pode suceder a partir deste propósito que, tendo empreendido o caminho para o objeto passando pelo componente da palavra, deva se conformar com esta última no lugar das coisas”* (p.200). Assim, acrescenta Freud, sempre que *“pensamos em abstrato nos expomos ao perigo de descuidar os vínculos das palavras com as representações-coisa inconscientes e é inegável que o nosso filosofar cobra, então, uma intensidade de indesejada semelhança com a modalidade de obrar do trabalho dos esquizofrênicos”* (p.200). Poderíamos dizer que as palavras são ocas e que, na tentativa de restituição do vínculo com a realidade, são tratadas como se representações-coisa fossem.

Partimos, portanto, de duas situações que demonstram o estreito vínculo que a representação-palavra estabelece com a representação-coisa e vice-versa. Nas neuroses de transferência a representação-coisa permanece no inconsciente e, como a mesma é a representante da pulsão, é a partir dela que se estruturam as formações de compromisso que comprometem inclusive a linguagem falada. Esta é a expressão mais comum da repressão. Já nas neuroses narcisistas e psicoses, no nosso caso a





esquizofrenia, a repressão é bem mais radical. Desinveste a representação-objeto como um todo, inclusive aspectos dela que correspondem à representação-coisa, e, na tentativa de restituição, superinveste a representação-palavra. A representação-coisa não é a representante da pulsão e sim da realidade (Freud, 1924a, p.155). Freud ainda não havia conceituado de uma forma acabada os mecanismos da desmentida (*Verleugnung*) e da (*Verwerfung*). Estes foram descritos com mais precisão em 1927 e 1918. Porém o que realmente importa neste trabalho, para os nossos propósitos atuais, é o enlace que é operado entre as duas representações mencionadas. No caso das neuroses de transferência, a representação-coisa permanece dentro do sistema inconsciente e, a partir da mesma (complexos representacionais), originam-se os sintomas e as desfigurações oníricas (1900, p.162). No segundo caso a retração narcisista desinveste, inclusive, a representação-coisa, dando origem à linguagem do órgão, expressão lingüística da hipocondria (representação-corpo).

Ora, como se processa tal enlace entre representações-coisa e palavra? Maldavsky (1977, p.48), a partir de inúmeras sugestões de Freud, nos fornece algumas pistas: “*Para Freud a representação-coisa se enlaça através do componente visual com a representação-palavra, a qual se conecta com a coisa mediante o componente acústico*”. Para Freud (1891) existem três tipos de enlaces: o verbal, entre os componentes da representação das palavras, o gnóstico, entre a coisa exterior e sua representação e o simbólico, entre as representações de coisa e a palavra. Este último, que é o objeto de nosso estudo, é, segundo Freud, o mais frágil (1891, p.96). Maldavsky (1977, p.49), citando Freud, em especial o Projeto, refere que o assunto se tornou mais complexo a partir de algumas sugestões de Freud, que acrescentou aos aspectos visuais e acústicos das respectivas representações componentes cinéticos e tonais (musicais): “*consiste no enlace dos neurônios Y (restos mnêmicos) com neurônios (restos mnêmicos) que servem para a expressão das representações sonoras e que possuem, elas mesmas, a mais íntima associação com imagens lingüísticas motoras... da imagem sonora, a excitação alcança sempre a imagem-palavra, e desta, a descarga. Portanto, se as imagens mnêmicas (da palavra ouvida) são de tal índole que uma corrente parcial possa ir delas até as imagens sonoras e motoras da palavra, o investimento das imagens mnêmicas se acompanhará de notícias de descarga que serão os sinais de qualidade e, por isso também, sinais de consciência da memória*” (1950a, p.413). Certamente o sistema que opera para que a notícia da descarga se converta em qualidade é o  $\omega$ , e é a partir de imagens obtidas através desta consciência que se estrutura “*o pensar observador, consciente*” (p.413). Portanto, para Freud, quatro são os elementos que, interligados, constituem a condição *sine qua non* de a representação se constituir em representação-palavra e aceder à lógica pré-consciente: componentes visuais, acústicos, sonoros e motores, sendo que os sonoros





constituem parte dos acústicos propriamente ditos. Estes últimos são os organizadores por excelência da palavra, enquanto que os primeiros da representação-coisa.

A idéia de que o pensamento é uma figuração de um ato de pensamento procede do componente motor que enlaça as representações-coisa com as palavras. Também, como referimos anteriormente neste trabalho, temos uma dimensão mais abrangente da jurisdição que o pré-consciente exerce sobre a descarga motora. Nossos sonhos, como afirma Freud inúmeras vezes (1900), atingem as dimensões plásticas e dramáticas com as quais estamos familiarizados pela ausência do componente motor ligado ao pré-consciente. Assim, mesmo as imagens verbais que fazem parte de um sonho sofrem esta concretude tão característica dos deslocamentos e condensações pertinentes à representação-coisa e tão próprias do pensamento esquizofrênico que indicam a prevalência do primário sobre o secundário: *“tratam coisas concretas como se fossem abstratas”* (1915b, p.201) e vice-versa, uma verdadeira *“palavra-coisa-ação”* como propõe Castoriades-Aulagnier (1975, p.16). Portanto, para Freud, um pensamento consciente não poderá distanciar-se demasiadamente das representações-coisa e, também baseados em Freud, acrescentaríamos, das representações-corpo. De acordo com Castoriades-Aulagnier, o originário, o primário e o secundário atuam simultaneamente e permanentemente, facilitando o enlace entre as múltiplas representações e estabelecendo a condição fundamental para que a linguagem humana seja compreensível e veículo da comunicação.

### **À guisa de conclusão: identificação e representação**

Certamente o exposto nem de longe atinge o objetivo de apreciarmos com toda a profundidade exigida temas tão complexos como os propostos. Seriam necessárias investigações mais detidas sobre as características dos enlaces entre as referidas representações entre elas próprias e entre as diferentes formas nas quais as mesmas se apresentam. Também seria interessante um estudo mais aprofundado sobre as linguagens do erotismo, isto é, a prevalência de determinadas organizações pré-conscientes nas diversas formas de expressão pulsional. Tal estudo já é objeto de investigação mais detalhada por David Maldavsky como demonstram suas últimas publicações (1999, 2000).

Antes de terminar gostaria de discutir brevemente o tema das identificações primária e secundária, pois penso que o mesmo se refere diretamente ao problema das representações e sua forma de processamento. Valho-me de três textos de Freud: do capítulo IV da *Interpretação dos Sonhos* (1900), mais especificamente a parte que trata da identificação histórica (p.167-8), do capítulo VII da *Psicologia das Massas e*





Análise do Ego (1921, p.99-104) e do capítulo III do Ego e o Id (1923a, p.30-40).

Começemos com a identificação primária. Freud (1923a, p.31-3) nos diz que “no começo de tudo, na fase oral primitiva do indivíduo, é completamente impossível distinguir entre investimento de objeto e identificação”. As futuras identificações reforçarão as identificações primárias que são “o resultado de uma identificação direta e imediata (não mediata) mais precoce do que qualquer investimento de objeto”. Os vínculos assim descritos estão organizados no sentido de *ser* o objeto (1921, p.100). Em Conclusões, idéias e problemas (1941b, p.301), Freud sintetiza o que compreende por uma identificação que corresponde a ser o objeto: “*‘ter’ e ‘ser’ na criança. A criança tende a expressar o vínculo com o objeto mediante a identificação: ‘eu sou o objeto’. O ‘ter’ é posterior, volta-se em direção ao ‘ser’ após a perda do objeto. ‘O peito é um pedaço de mim, eu sou o peito’. Somente depois: ‘eu o tenho, portanto, eu não o sou...’*”. A mesma ilação de pensamento Freud já formulara em 1925b (p.254-6) e em 1930 (p.67-9). Trata-se da forma de operar do ego prazer purificado. Portanto, deste ponto de vista, o termo identificação refere-se a um estado de ser do indivíduo em que objeto e sujeito estão confundidos. No momento seguinte, quando o ser possui o objeto, algo de libido narcisista foi perdido. É neste sentido que o irredutível do complexo do semelhante sofre, por obra da desmentida, uma redutibilidade que torna a semelhança uma identidade ilusória. O funcionamento do primário, baseado principalmente na causalidade em que a relação de causa e efeito (prazer e desprazer) entre os dois espaços psíquicos admitidos, isto é, o eu e o outro, são reconhecidos, sofre uma permanente oscilação entre tal reconhecimento e a sua desmentida. Como podemos reconhecer tal movimento? Uma das maneiras que o testemunham são, do nosso ponto de vista, os deslocamentos e condensações que sofrem as representações-coisa dentro do primário (Freud, 1900, p.193; p.311-5). Assim, as mesmas são superpostas pelas mais variadas razões nas quais a parte se confunde com o todo (a “*compulsão a figurar uma unidade entre várias partes*” descrita por Freud, 1900, p.194). E é próprio, portanto, do primário tal forma de representação em que os elementos a serem reconhecidos como separados são novamente superpostos, perdendo-se a distância simbólica tão própria do secundário e que caracteriza a desfiguração onírica (1900, p.193-5; p.584). Se, de acordo com o dito por Freud (1941b, p.301), parte da representação-coisa sempre retém libido narcisista, é exatamente esta que tende a desestabilizar a distância simbólica obtida pelo secundário, favorecendo os movimentos de condensação e deslocamento. A caixa de jóias (Freud 1905b, p.61), para o primário, não só representa o genital feminino de Dora, como é de fato o genital em si, e nela está o reconhecimento da própria castração assim como o reconhecimento da castração do outro. As jóias inclusas dentro da caixa expressam a desmentida da castração do sujeito e do outro. Vemos assim como





o complexo do semelhante se estrutura a partir de um movimento complexo de distanciamento e identidade tão própria desta figurabilidade do primário.

Com a prevalência do secundário, o menino deverá compreender que *“assim como o pai ele deve ser; também deve compreender a proibição de que assim como o pai ele não pode ser; pois não pode fazer tudo que o pai faz”* (1923a, p.36). As identificações secundárias obedecem a outros mecanismos mais complexos nos quais, dos objetos, se tomam apenas alguns traços ou aspectos, relegando para o inconsciente as identificações primeiras e originais. Estas visam a restabelecer o narcisismo irrestrito das organizações primitivas (1923a, p.46, 1930, p.73). A palavra e sua representação são de fundamental importância para a consolidação das identificações secundárias, exatamente pelo aspecto discreto que as mesmas apresentam como foi descrito acima. Talvez uma forma de entendermos com maior profundidade o que pretendemos possa ser o exame das identificações históricas. Freud (1900, p.100-1) assim se expressa: *“A identificação é um aspecto extremamente importante para o mecanismo dos sintomas histéricos; por este caminho os enfermos expressam em seus sintomas as vivências de uma série de pessoas... é como se padecessem por todo um grupo de pessoas e figurassem todos os papéis de um drama por seus recursos pessoais... portanto, a identificação não é uma simples imitação, sim apropriação sobre a base de uma mesma reivindicação etiológica; expressa um ‘igual que’ e se refere a algo comum que permanece no inconsciente”*. De uma forma semelhante Freud alude às identificações históricas em outros trabalhos (1921, p.100-1): *“Quiseste ser tua mãe, agora o és pelo menos no sofrimento. Eis aqui o mecanismo completo da formação histórica de sintoma”*. Podemos, portanto, entender que, nestas situações descritas, o que concerne à identificação primária fica sob repressão depositado no inconsciente, enquanto que, no pré-consciente, aparece a formação substitutiva sintomática. O sintoma é, em última análise, uma identificação primária que não pode estabelecer-se como tal. *“As psiconeuroses são, por assim dizer, o negativo da perversão”* (Freud 1905b, p.45). A idéia de que um sintoma possui vários significados simultaneamente e sucessivamente (Freud 1905b, p.47-8) nos remete à trama representacional do mesmo que permanece no inconsciente. No caso descrito acima da paciente esquizofrênica de Tausk, esta se identificou com o amado, e esta situação não submergiu no inconsciente. Ela é de fato o amado. Cremos, como foi dito acima, que estas situações são muito próprias da forma de obrar do primário com seus deslocamentos e condensações. O secundário, exatamente pela prevalência da representação-palavra, não admite tais liberdades, a não ser como as enigmáticas formações de compromisso. O fato de que as identificações primárias cedam espaço para as secundárias pela ação da palavra é indicativo da presença deste mecanismo universal que chamamos de repressão. Penso que, com estas últimas considerações, podemos en-





errar o presente trabalho, sem deixar de apreender o inesgotável do nosso assunto, bem como, diga-se de passagem, da capacidade sem limites da alma humana de representar. □

## Abstract

The present paper aims the study of representation and its function in the structuring of the unconscious. To achieve it, the author works with the concepts of body-representation, thing-representation and word-representation trying to establish connections related to their formations and enlacing. Based mainly upon Freud's work, he also refers to other authors as David Maldavsky and Piera Castoriades-Aulagnier.

## Resumen

El presente trabajo tiene por objetivo el estudio de la representación y su función en la estructuración del inconsciente. Para tanto, el autor trabaja con los conceptos de representación de cuerpo, de representación de cosa y de representación de palabra, buscando establecer aproximaciones en tanto a sus formaciones y enlaces. Basado principalmente en la obra de Freud, se refiere también a otros autores como David Maldavsky y Piera Castoriades-Aulagnier.

## Referências

- BION, W. (1963). *Elementos del psicoanálisis*. Buenos Aires: Hormé.
- CASTORIADES-AULAGNIER, P. (1975). *La violencia de la interpretación*. Buenos Aires: Amorrortu, 1997.
- ELIADE, M. (1983). *História das crenças e das idéias religiosas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FERREIRA, A. B. de H. (2003). *Novo Dicionário-Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FREUD, S. (1891). *La Afasia*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1973.
- \_\_\_\_\_. (1900). La interpretación de los sueños. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. vs. 4e 5. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, 29-707.
- \_\_\_\_\_. (1901). Psicopatología de la vida cotidiana. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v.6. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, 1-284.
- \_\_\_\_\_. (1905a). Tres ensayos de teoría sexual. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 7. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.109-210.





Roaldo Naumann Machado

- \_\_\_\_\_. (1905b). Fragmento de análisis de un caso de histeria . In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 7. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.1-108.
- \_\_\_\_\_. (1911a). Formaciones sobre los dos principios del acontecer psíquico. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v.12. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.217-232.
- \_\_\_\_\_. (1911b). Sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente (Schreber). In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 12. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.1-76.
- \_\_\_\_\_. (1912). Nota sobre el concepto de lo inconsciente en psicoanálisis. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 12. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.265-278.
- \_\_\_\_\_. (1912-13). Totem y tabú. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v.13. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.1-164.
- \_\_\_\_\_. (1914). Introducción del narcisismo. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 14. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.65-98.
- \_\_\_\_\_. (1915a). Pulsiones y destinos de pulsión. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 14. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.105-134.
- \_\_\_\_\_. (1915b). Lo inconsciente. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v.14. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.153-214.
- \_\_\_\_\_. (1916). Conferencias de introducción al psicoanálisis. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 16. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, 326-343.
- \_\_\_\_\_. (1917a). Complemento metapsicológico de la doctrina de los sueños. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v.14. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.215-234.
- \_\_\_\_\_. (1917b). Duelo y melancolía. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v.14. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.235-256.
- \_\_\_\_\_. (1918). De la historia de una neurosis infantil. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 17. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.1-112.
- \_\_\_\_\_. (1920). Mas allá del principio de placer. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 18. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.1-62.
- \_\_\_\_\_. (1921). Psicología de las masas y análisis del yo. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 18. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.63-136.
- \_\_\_\_\_. (1923a). El yo y el ello. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.1-66.
- \_\_\_\_\_. (1923b). Una neurosis demoníaca en el siglo XVII. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.67-106.
- \_\_\_\_\_. (1924a). Neurosis y psicosis. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.151-160.
- \_\_\_\_\_. (1924b). El problema económico del masoquismo. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.161-176.
- \_\_\_\_\_. (1925a). Nota sobre la "pizarra mágica". In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v.19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.239-248.
- \_\_\_\_\_. (1925b). La negación. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 19. Buenos Aires: 1988, p.249-258.
- \_\_\_\_\_. (1926). Inhibición, síntoma y angustia. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v.20. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.71-161.
- \_\_\_\_\_. (1927). Fetichismo. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 21. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.141-152.
- \_\_\_\_\_. (1930). El malestar em la cultura. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 21. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.57-140.
- \_\_\_\_\_. (1940). Esquema de psicoanálisis . In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 23. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.133-210.





- \_\_\_\_\_. (1941a). Psicoanálisis y telepatía. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 18. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, 165-184.
- \_\_\_\_\_. (1941b). Conclusiones, ideas, problemas. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 23. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, 301-302.
- \_\_\_\_\_. (1950a). Proyecto de Psicología. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.323-436.
- \_\_\_\_\_. (1950b). Carta 52. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, 211-322.
- MACHADO, R. (1992). O ego da realidade original. uma aproximação freudiana do fenômeno psicossomático. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v. 14, n. 3, p.201-209, set./dez. 1992.
- \_\_\_\_\_. (1994). A dor: uma abordagem freudiana do fenômeno psicossomático. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*. v. 16, n. 20, p.107-112, mai./ ago.
- \_\_\_\_\_. (2001). As cartas 46 e 52 de Freud a Fliess. significado para a obra freudiana e a psicanálise contemporânea. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, v. 8, n. 2, p.247-259.
- \_\_\_\_\_. (2003). Uma hipótese sobre a elaboração traumática transgeracional: Rapsódia de Agosto. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, v. 10, n. 1, p.71-85.
- MALDAVSKY, D. (1977). *Teoría de las representaciones*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- \_\_\_\_\_. (1980). *El complejo de Edipo positivo*. Buenos Aires: Amorrortu, 1982.
- \_\_\_\_\_. (1986). *Estructuras narcisistas: constitución y transformaciones*. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- \_\_\_\_\_. (1999). *Lenguajes del erotismo: investigaciones teórico-clínicas en neurosis y psicosis*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- \_\_\_\_\_. (2000). *Lenguaje, pulsiones, defensas, rede de signos, secuencias narrativas y procesos retóricos en la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Nueva Visión.

Recebido em 05/08/2003

Aceito em 24/09/2003

**Roaldo N. Machado**

Praça Dom Feliciano, 78/705

90020-160 – Porto Alegre – RS – Brasil

E-mail: roalmachado@aol.com

© Revista de Psicanálise – SPPA

